

O novo capítulo 5: jornalismo com alma

Monica Martinez

Desde que foi lançado em 1993, o livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* tornou-se referência obrigatória nos estudos de jornalismo literário (JL). Publicada no formato livro, a tese de doutorado defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo foi basilar para firmar essa corrente do pensamento comunicacional brasileiro, defendida por Edvaldo Pereira Lima numa época em que a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* não estavam mais no seu ápice e iniciativas mais arejadas ainda não haviam surgido na grande imprensa, por meio de jornais como a *Folha de S. Paulo* ou de revistas, como *Época*, *Piauí* e *Brasileiros*, entre outros. Sem mencionar, claro, o *boom* de textos humanistas e criativos que emergiria graças à mídia digital a partir dos anos 2000 – a própria revista eletrônica *Texto Vivo*, ligada à Academia Brasileira de Jornalismo Literário, que tem em Lima um dos fundadores, é um bom exemplo.

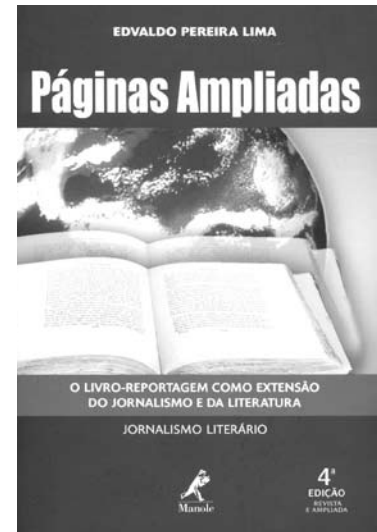
Essa resenha concentra-se, contudo, no novo capítulo 5, “Simbiose com o jornalismo literário e o futuro”, o carro-chefe da 4ª edição revista e ampliada, lançada em 2008 pela Editora Manole. A adição contempla o leitor com a essência das reflexões acadêmicas e práticas do autor no âmbito do Jornalismo Literário Avançado, em que primam as narrativas de transformação. Um conteúdo aqui, outro ali serão familiares a muitos ex-alunos do Programa de Pós-Graduação da ECA-USP, de onde o docente se aposentou em 2006.

Se, nos demais capítulos, Lima aborda procedimentos e técnicas, no quinto registra a alma do jornalismo literário. Alguns dos dez princípios filosóficos propostos são compartilhados com o estudioso estadunidense Mark Kramer, que em *Literary journalism*, escrito em 1995 com Norman Sims, também oferece sua visão sobre as regras “quebráveis” do JL.

**Páginas ampliadas:
o livro-reportagem
como extensão do jor-
nalismo e da literatura/
Jornalismo literário**

Edvaldo Pereira Lima

4ª edição, revista e ampliada,
Barueri/São Paulo: Manole,
2008, 470 p.



Lima lembra que os “princípios que alicerçam a prática do jornalismo literário fazem parte de um conjunto integrado. Cada um deles alimenta e reforça o outro, e é essa contribuição mútua que dá consistência à modalidade como um todo” (p. 372). De forma breve, são eles:

1. *Exatidão e precisão*: quebrando o paradigma de que jornalismo literário tem texto floreado, adjetivado, Lima enfatiza que o texto feito por jornalistas-escritores é baseado na apuração mais criteriosa.
2. *Contar uma história*: o autor recorda a propensão humana a narrar histórias. “Artificialmente, o jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo. Pelo exagero, o que se gerou foi um modo de comunicação social muitas vezes asséptico, que o leitor logo esquece” (p. 358).
3. *Humanização*: o fator humano é marca do JL na visão de Lima. “Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a exten-

são necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações” (p. 359).

4. *Compreensão*: princípio essencial do jornalismo literário é a visão compreensiva da realidade, com sua função de disseminar conhecimentos. “Compreender é diferente de explicar. A explicação adota uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo” (p. 366).
5. *Universalização temática*: como o jornalismo literário busca principalmente tocar os leitores pelos aspectos humanos envolvidos, não está fechado à leitura de não especialistas em dado assunto, como editoriais clássicas de jornais e revistas. Isso porque, como diz Lima, (...) “o autor está em busca, em qualquer assunto, dos temas subjacentes que o tornam universal” (p. 367).
6. *Estilo próprio e voz autoral*: habilidade narrativa é condição imprescindível para a prática do jornalismo literário. Mais do que virtuosos literárias, demandam-se jornalistas-escritores com visão compreensiva da realidade: “O autor não é um mero compilador de dados, esforçado moleque de recados que transmite as versões dos fatos moldados conforme os interesses de suas fontes, nem se esconde, submisso, por trás das afirmações dos especialistas” (p. 369).
7. *Imersão*: Lima lembra que há apenas uma forma de o jornalista literário compreender a realidade: mergulhando na própria. “Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiên-

cia de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem. E então escreve” (p. 373).

8. *Simbolismo*: o repórter evidentemente atua na captação de realidades simbólicas e não na realidade primária, biopsicofísica. “É o simbolismo que me permite fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal. Um dos meios de emprego do simbolismo é o uso de metáforas, o recurso de linguagem que me permite substituir uma coisa por outra que ela não é, mas que todo mundo entende” (p. 379).
9. *Criatividade*: “Todo autor é um criador. (...) Primeiro, ele é um repórter (...) – alguém que mergulha nas entranhas agradáveis ou horripilantes da realidade para conhecê-las bem, destrinchá-las, trazê-las à luz da compreensão. Em seguida, é um escritor, alguém que organiza sua história do que ouviu e viveu numa narrativa consistente, representação simbólica de ações, cenários e personagens reais. Nas duas pontas do seu trabalho, precisa ser criativo. Isto é, precisa ter engenhosidade, gerar o novo” (p. 384).
10. *Responsabilidade ética*: o último princípio filosófico apontado por Lima é a habilidade de responder de forma ética às complexas demandas sociais de nosso tempo. “O jornalismo literário tem um compromisso com a realidade e sua credibilidade depende disso” (389).

Os demais capítulos da obra, é importante ressaltar, permanecem atualizados. As concepções teóricas são invariavelmente recheadas com exemplos, marca registrada do autor, ajudando a lidar com o abstrato de forma concreta e prática. Finalmente, a obra ainda traz práticos índices, onomástico e remissivo que facilitam a localização de pessoas e assuntos.

Monica Martinez é doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP), jornalista e titular da disciplina de Jornalismo Literário da Uni-FIAMFAAM. Atualmente realiza pós-doutorado em narrativas digitais pelo Poscom da Umesp.